

# Antero de Quental: ética e epistemologia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Constança Marcondes Cesar  
(UFS – Aracaju – SE – Brasil)  
[cmarcondescesar@msn.com](mailto:cmarcondescesar@msn.com)

**Resumo:** Antero de Quental esboça, em seus últimos escritos filosóficos, a proposta de uma ética estreitamente ligada à epistemologia. Seu projeto antecipa, com analogias importantes, a grande reformulação da filosofia contemporânea, levada a cabo pelo neocriticismo e pela fenomenologia. Na sua ética, os temas da liberdade, perfectibilidade e racionalidade aparecem estreitamente ligados.

**Palavras-chave:** ética; epistemologia; Antero de Quental; liberdade; racionalidade.

## 1. Considerações iniciais

Um escrito tardio, *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*<sup>1</sup>, mostra nosso autor em busca da formulação de uma “teoria geral do universo” que sintetizaria “as grandes criações espirituais que, ao longo dos séculos, expressaram a vida criadora de cada período histórico”<sup>2</sup>. A tarefa da filosofia é procurar explicitar a “convergência gradual dos sistemas uns para os outros”<sup>3</sup>. Como a síntese é apenas um valor-horizonte, posto que irrealizável, o que nos resta é o sincretismo. Tal sincretismo ocorre periodicamente, no final das grandes etapas históricas; estaria ocorrendo em sua época. Até que ponto poderia ser conseguida, ou só indicaria o surgimento de um vago ecletismo, é a indagação de nosso autor. Para respondê-la, Antero focaliza crítica e historicamente a evolução da filosofia moderna.

Entende a filosofia como busca da verdade, não a total e absoluta, porque se fosse possível alcançá-la não haveria busca, não haveria mais filosofia. A verdade filosófica expõe a “imagem imperfeita da verdade incognoscível”<sup>4</sup>, distorcida e alterada, mas ainda assim verdade. Ela é a “equação do pensamento e da realidade (...) equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência (...) adaptação (...) em cada momento histórico (...) dos fatos conhecidos às idéias diretoras da razão”<sup>5</sup>. Para nosso autor, a relatividade da expressão histórica não implica relativismo ou ceticismo; mostra que há, entre os diferentes sistemas, afinidades e concordâncias, às vezes obscuramente pressentidas, mas reais.

## 2. O problema ético

---

1 QUENTAL, Antero de. *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1991. O texto foi publicado originalmente na *Revista de Portugal* dirigida por Eça de Queirós, em 1890.

2 *Ibidem.*, p. 56.

3 *Ibidem.*

4 *Ibidem.*, p.54.

5 *Ibidem.*

Em carta de 1885, o pensador declara que pretende formular a expressão poética “de um misticismo moderno (...) científico e positivo”<sup>6</sup>. A correlação poesia-filosofia, entrevista no seu fundamento comum, a busca da verdade, mostra nosso autor inquieto, tentando formular uma teoria do conhecimento numa perspectiva otimista, racional e marcada pela preocupação com a liberdade. Está votado, nessa etapa, à construção de uma interpretação do universo que vincula estreitamente conhecimento e moral. Procura mostrar que sob o visível e a natureza, oculta-se o mundo moral, “que é o verdadeiro mundo”, ao qual são inerentes “a harmonia, a liberdade o optimismo”<sup>7</sup>, por oposição ao mundo da natureza, que se caracterizaria pela luta, fatalidade e pessimismo. A vida tem uma razão de ser e isso valida a existência; nisso consiste, o *Evangelho eterno*, expressão da essência do homem e das coisas, mas do qual só o homem tem consciência<sup>8</sup>. O homem é livre, superior à natureza; sua expressão própria é o sentimento, a consciência moral entendida como consciência de seu ser verdadeiro<sup>9</sup>. A ação humana expõe a liberdade, eixo da vida moral, da vida criadora das obras e instituições. Antero estabelece analogias entre a liberdade moral e o princípio de atividade do universo. Só desse modo, a seu ver, escapamos do risco de um existir absurdo, sem finalidade. O poeta-filósofo pretende alcançar uma síntese superadora das oposições: naturalismo/idealismo, otimismo/pessimismo, através da formulação de um pan-psiquismo. Para ele, a finalidade da vida é a beatitude e a consolação que decorre do contemplar. E o que se contempla? Uma verdade para além da “presunção da inteligência” e mais próxima do coração. O grande desafio é investigar “o paradoxo das coisas”, visto como um “divino paradoxo” que inquieta o homem<sup>10</sup>.

A proposta de Antero, já nas *Cartas* que precedem o *Tendências...*, aparece como uma aliança entre o kantismo e o espiritualismo, visando a “explicação do Universo pela consciência, mas ao mesmo tempo, a interpretação da consciência por princípios análogos às leis fundamentais do Universo, a unidade do Ser e do Universo(...)”<sup>11</sup>. Para nosso autor, a consciência do homem é um elemento essencial do universo e a mais importante expressão de sua verdade; a arte é só um reflexo, um símbolo da vida moral, e a virtude, o bem, é mais significativa do que a arte<sup>12</sup>. O exame da evolução de Antero da poesia à filosofia, feita por Joel Serrão<sup>13</sup>, mostra que na trajetória de

---

6 *Ibidem*, Carta II, *Obras Completas* vol. III, p.729-730 *apud* SERRÃO, J. Em busca do sentido do último escrito filosófico anterior in QUENTAL. *Tendências ...*, p. 9.

7 *Ibidem*, p.729-730 *apud* SERRÃO, *op. cit.*

8 *Ibidem*, Carta a Fernando Leal de 13 de Novembro de 1886 *apud* SERRÃO, J., *op. cit.*

9 *Ibidem*.

10 *Ibidem*, p. 841-842 *apud* SERRÃO, J., *op. cit.*

11 *Ibidem*, p. 900-901 *apud* SERRÃO, J., *op. cit.*

12 *Ibidem*, Carta II, p. 953 *apud* SERRÃO, J., *op. cit.*

13 SERRÃO, J., *op. cit.* p. 27-28.

Antero ocorreu uma crescente aproximação à filosofia e um abandono gradual da poesia, mas também o surgimento de uma filosofia enraizada nas vivências poéticas, um poetar-pensante. Tal filosofia reflete sobre as implicações sociais e políticas da liberdade, sobre a necessidade de uma ética social fundada na virtude dos indivíduos e na afirmação dos laços entre Ser e Bem, fim último da evolução do universo.

Se nas *Cartas* e textos filosóficos anteriores ao *Tendências* a ênfase se dá na formulação de uma ético-ontologia, no *Tendências* a ênfase se proporrá como ético-epistemológica, expondo a atenção de nosso autor à evolução da filosofia moderna e às preocupações e tendências de seu tempo.

A análise crítica da filosofia moderna ocorre pela busca de compreensão de suas grandes etapas. No início da filosofia moderna, um substrato metafísico inspiraria as noções comuns aos diferentes sistemas, assim como a vida criadora da arte, poesia, religião, política. As ideias centrais são, segundo Antero, as “de *força*, de *lei*, de *imanência* ou *espontaneidade* e de *desenvolvimento*”<sup>14</sup>. Por enfatizar essas ideias, a filosofia moderna se diferencia da filosofia antiga, assumindo um caráter decididamente *realista*. Caracteriza-se por focalizar a realidade como “o *fieri* incessante do ser em si só potencialmente existente e que só realizando-se atinge a plenitude”<sup>15</sup>; nessa perspectiva, matéria e forma são indissociáveis e o movimento presente na realidade é permanente criação, metamorfose e renovação. Para nosso autor, a filosofia moderna vê a realidade como uma totalidade, uma substância única, da qual todos os seres são expressão, relacionando-se entre si permanentemente. O universo, assim entendido, é um ser vivo, com uma unidade imanente, intrínseca e fundada na diversidade dos seres que o compõem. Essas ideias foram propostas no início do Renascimento por Nicolau de Cusa, Agripa, Paracelso, Giordano Bruno, dentre outros. O despertar das ciências modernas anunciou um espírito novo, com Descartes, Bacon, Leibniz e Spinoza. Descartes, por exemplo, extraiu consequências do princípio da identidade entre ser e saber, retomado por Spinoza no seu panteísmo e por Leibniz na *Monadologia*. As ideias centrais que foram consolidadas com esses autores foram as de *força* e *lei*. No século XVIII, nova etapa da filosofia moderna: a ideia de *desenvolvimento* é acrescentada às noções-chave já discernidas, fazendo com que o universo seja concebido como totalidade em expansão, com ilimitada e inesgotável virtualidade; dá-se um surto de desenvolvimento das ciências, que inspira autores como Diderot, Lessing, Vico, Voltaire, Rousseau. Ainda século XVIII, a ideia de *lei* encontrará em Kant nova formulação, associada a novas inquietações: *que podemos conhecer? Que podemos fazer?*

---

14 QUENTAL, Antero de. *Tendências...*, p. 59.

15 *Ibidem*, p.60.

Promovendo a crítica à metafísica tradicional, Kant centra a reflexão sobre a epistemologia, buscando fundamentar nossas certezas. O impacto de sua reflexão faz-se sentir nas filosofias de Schelling e Hegel, que, embora “repetindo o naturalismo e o panteísmo do período anterior”, reveste-os “do novo ponto de vista do idealismo, contido na *Crítica da Razão Pura (...)*”<sup>16</sup>. É com Schelling e Hegel que, no início do século XIX, “as ideias de *força, imanência e desenvolvimento* são sintetizadas na idéia de *evolução*”, processo dialético do ser”, fundado na natureza e na busca da consciência de si<sup>17</sup>.

Mas, assinala Antero, no mesmo século XIX, a perspectiva do romantismo foi contestada pelo surgimento de um naturalismo que questionava os grandes sistemas, em favor da busca de inspiração diretamente na realidade. Tal naturalismo mostrava que se a filosofia fecunda a ciência, não pode, contudo, substituí-la no processo do conhecimento: “A cada ciência preside uma ideia fundamental. Pode a filosofia, e essa é uma das suas funções, apropriar-se dessa ideia e de todas elas, para as tornar matéria de suas especulações (...)”<sup>18</sup>. Cabe à ciência “desenhar, com os traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade fenomenal; à filosofia, a missão de interpretar superiormente a significação desse quadro (...)”<sup>19</sup>. A grande ideia filosófico-científica que torna possível esse diálogo é uma nova compreensão da noção de *evolução*. Mostra, sob a variedade dos corpos e formas, uma mesma matéria fundamental, inspirando as investigações da astronomia, da física, da antropologia, da biologia, da geologia, da paleontologia, dentre outras ciências.

Na segunda metade do século XIX, o surto de desenvolvimento das ciências levou à recusa da metafísica; no âmbito da ciência histórica, refutava-se a construção interpretativa de Hegel: história não é metafísica, não existe uma ordem necessária dos fatos humanos que conduza à afirmação da liberdade e da consciência. Surge a Psicologia e o que isso produz é o “reconhecimento da unidade e autonomia do *eu* e daquele fundo sentimento da sua própria liberdade e íntima dignidade moral (...)”<sup>20</sup>.

É no horizonte desses debates que emerge o espiritualismo francês, representado por Maine de Biran, Cousin, Ravaisson, dentre outros. Para muitos, assim como para Antero, o espiritualismo não constituiu propriamente uma filosofia, por reduzir-se à meditação sobre o homem moral, Deus, alma, infinito; recusara a aliança com a ciência e tornou-se, na opinião do nosso pensador, uma

---

16 *Ibidem*, p.66-67.

17 *Ibidem*, p.67.

18 *Ibidem*, p.69.

19 *Ibidem*, p.70.

20 *Ibidem*, p.75.

“ontologia de mitos”<sup>21</sup>. Entretanto, ao fazer a crítica da metafísica tradicional e do idealismo alemão, o espiritualismo assinalou o surgimento de uma crise que foi crucial para a renovação da filosofia do tempo de Antero.

Na segunda metade do século XIX, o descrédito da metafísica e do idealismo alemão teve como contrapartida a renovação do criticismo kantiano e o surgimento de uma nova filosofia vinculada às ciências. Nela, não há renúncia à filosofia nem descrédito da razão, mas, antes, a filosofia “de metafísica torna-se científica; de transcendental, realista; de dedutiva, indutiva”<sup>22</sup>. A resposta à crise é dada pelas filosofias de Comte, Spencer, Stuart Mill, dentre outros. *Mecanicismo, determinismo, necessidade* são as notas dominantes, as palavras-chave da nova filosofia da natureza; não há lugar para acaso, Providência, mas apenas ordem invariável e fatal, previsível e cognoscível. A ideia dominante é a de *evolução*, explicável pela sucessão de fatos e seu encadeamento e entendida como “um estado progressivo de complicação e nada mais”<sup>23</sup>.

Antero reconhece nessas concepções algo grandioso e, ao mesmo tempo, “tenebroso e desolado”, produto da inteligência científica; provavelmente, suspeita nosso autor, “envolve algum (...) problema ontológico, que lhe escapa”<sup>24</sup>; seu fundamento é sempre a experiência, a generalização, o mecanismo; falta-lhe a espontaneidade, “a realidade viva e misteriosa das ideias, da ‘consciência’ para além da sensibilidade”<sup>25</sup>.

Aqui, a grande crítica do cientificismo do século XIX assinala a direção do pensamento de nosso autor como busca de algo vivo e que diga respeito ao coração, às aspirações morais. As perguntas: *para que? por que?* existe o universo e qual o sentido da nossa vida nele, não são respondidas pelo cientificismo. Seria então “uma ilusão monstruosa essa concepção mecânica do universo?”<sup>26</sup>. Não é assim que o poeta-filósofo vê. O cientificismo tem sua verdade, mas circunscrita aos limites dos dados empíricos, do mundo sensível. Sua incompletude exige, da parte do homem, uma nova luz, que será representada pela crítica do espiritualismo e pela volta a Kant e às suas fecundas ideias. A posição de Antero prefigura, de certo modo, o imenso papel de renovação das relações entre filosofia, ciência e ética que será apresentado mais tarde pelo neo-criticismo e pela fenomenologia. Voltaremos a isso adiante.

Diz o poeta-filósofo: “O influxo do kantismo é bem sensível em todo este processo de

---

21 *Ibidem*, p.77.

22 *Ibidem*, p. 81.

23 *Ibidem*, p. 84.

24 *Ibidem*. p. 85.

25 *Ibidem*.

26 *Ibidem*, p. 86-87.

dissolução do velho espiritualismo”<sup>27</sup>. A crise profunda do espiritualismo antigo apela à renovação do espiritualismo pelo criticismo kantiano. Esta renovação funciona como anteparo ao ceticismo e ao raso materialismo. A obra de Laplace, no entender de nosso autor, representa o novo espírito, pois, para ele, como destaca Antero, há uma tendência, na espécie humana, para expressar o racional e o progresso nessa direção é o que a caracteriza.

A mecânica ignora as “causas, o ser íntimo e a realidade substancial das coisas” e é isso que a consciência conhece por si, “porque nela reside a noção de que não é sensível (...) só ela tem a percepção imediata desse *estrato* mais fundo do ser, inacessível [ a partir ] da pura sensibilidade”<sup>28</sup>. Consciência é energia, sua essência é a espontaneidade; percebe o universo adaptando-o a si, de modo que os fatos, inertes e inexpressivos, adquirem significado pela inteligência<sup>29</sup>. Espontâneo na apreensão do conhecimento, o espírito o é também no âmbito da vontade, determina sua ação em função da própria vontade, da sua força consciente. Conhece, não só a natureza, mas também a si próprio, gradualmente se identificando com o Eu Absoluto ou Deus, plenitude de Ser. A vida moral consiste na realização dessa busca, finalidade do existir humano e da sua liberdade. A síntese do pensamento moderno é, para nosso autor, a aproximação entre o dinamismo mecânico da natureza e o dinamismo psíquico, estudados respectivamente pela ciência e pela filosofia, sob a noção convergente de *força*. Daí o poeta-filósofo dizer: “O espiritualismo dará ao materialismo o que lhe falta, completando-se, por esta insuflação do espírito na matéria, a compreensão ao mesmo tempo positiva e especulativa do universo”<sup>30</sup>. Pensar o mundo é reconhecer a analogia entre pensamento e mundo; é postular, como princípio e fundamento dela, a “identidade (...) do objeto e do sujeito”<sup>31</sup>, sem a qual não seria possível nenhuma reflexão sobre a realidade ou sequer a consciência da existência da realidade: “na espontaneidade da consciência, tem o caráter de evidência”<sup>32</sup>.

Há uma racionalidade no universo e ela supõe uma unidade entre nosso espírito e a substância do mundo. O númeno, para Kant, incognoscível, para Antero, existe em nós, está em nós. Essa afirmação do poeta-filósofo não é mera retomada do idealismo alemão do início do século XIX; expressa, antes, a renovação do espiritualismo e o surgimento do neo-kantismo, de modo que o processo do conhecimento é compreendido como uma *interpretação* da realidade, a qual não é criada pela consciência, mas mostra-se a ela. Daí nosso autor dizer que “A metafísica e a ciência

---

27 *Ibidem*, p. 88.

28 *Ibidem*, p. 92.

29 *Ibidem*.

30 *Ibidem*, p.95.

31 *Ibidem*.

32 *Ibidem*.

não são (...) rivais, mas colaboradoras na obra do conhecimento (...) [não como] duas esferas opostas, mas como dois círculos concêntricos”<sup>33</sup>. Assim, o saber, compreendido na totalidade, implica o experimental e o reflexivo, abarcando desse modo o ser.

O núcleo essencial da síntese proposta por Antero é a contraposição determinismo/liberdade, antítese que trata de superar mediante a introdução da idéia de *espontaneidade*. Em tudo “palpita (...) uma vontade própria, a vontade de realizar o próprio fim. Há algo de espontâneo e um “acordo do Ser com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos fenômenos mais elementares da matéria”<sup>34</sup>. Mesmo no nível mais elementar da expressão do ente, o ser “é sempre causa: a sua ideia latente [é] a virtualidade da afirmação plena de si mesmo (...) seu fim último vem já envolvido (...) nas suas determinações mais elementares”<sup>35</sup>. Isto quer dizer que todo ser busca sua plena realização; no homem, a realização se chama *liberdade*. Daí nosso autor dizer: “A liberdade (...) é (...) a espontaneidade quando plena”<sup>36</sup>, que cria conscientemente a orientação da vida do ser, em vista de sua realização. No caso do homem, determinar a si mesmo é expandir-se, buscando a perfeição da liberdade no plano moral. Se Deus existisse, seria o ser no qual se expressaria a plenitude absoluta da liberdade; no caso do homem, a liberdade está *in fieri*, é plenitude nunca alcançada, em razão da sua essencial incompletude, como ser moral. É identificando-se com o próprio ideal que o ser humano se torna o que ele é<sup>37</sup>.

Há graus de liberdade: no ser inconsciente de si mostra-se como *espontaneidade*, até mesmo das “simples atrações materiais”<sup>38</sup>; no caso do ser humano, é consciência de uma ascensão, com o objetivo de expressar maximamente suas virtualidades. Daí nosso autor dizer: “A cadeia universal das existências (...) aparece-nos como ascensão dos seres à liberdade (...)”<sup>39</sup>. A evolução *não é cega*, mas racional, tendo como finalidade a plena expressão da liberdade, “aspiração profunda” do universo; *não é casual*, mas expõe um progresso, uma mudança qualitativa, por uma irresistível atração em direção a um ser mais.

A liberdade, a que o universo inteiro aspira, só se realiza no plano humano, no plano da história, da construção do mundo da razão, da ordem moral e do direito. Implica esforço sempre renovado em direção à *justiça*, que consiste no desdobramento, no plano social, da energia moral.

O Direito cria uma ordem, que sintetiza moralidade e liberdade; representa a superação do

---

33 *Ibidem*, p.97.

34 *Ibidem*, p.98.

35 *Ibidem*, p.99.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*, p.101.

38 *Ibidem*.

39 *Ibidem*, p. 102.

jugo da fatalidade, a coincidência entre bem e dever. Renúncia do egoísmo, “o caminho do direito (...) leva à liberdade, à perfeição, à beatitude”<sup>40</sup>. Tornando-se, por essa renúncia, instrumento do bem universal, o homem expressa a união do bem e da virtude, síntese que realiza a “liberdade suprema” e o conduz à aproximação a Deus, entendido por nosso autor como a perfeição absoluta.

Liberdade, virtude, busca da perfeição: esse é, para o poeta-filósofo, o único culto, a única inspiração válida, o único saber: “Se só a perfeita virtude (...) define (...) a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim último do universo, concluamos que a *santidade* é o termo de toda evolução (...)”<sup>41</sup>.

### 3. Considerações finais

A trágica morte de Antero renova a indagação: até que ponto um poeta pode ser filósofo? A filosofia e a poesia são ramos de um mesmo tronco, como diz Heidegger no *Da experiência do pensar*?<sup>42</sup>. O dizer poético pode ter implicações filosóficas; mas tentar dizer a filosofia pode silenciar o poeta? A trajetória de Antero não teria sido uma experiência dessa aporia, experiência do silêncio ou da impossibilidade da linguagem, quando confrontada com o mistério? Ou indica, antes, a impossibilidade da escolha entre filosofia e poesia, indissociavelmente ligadas e reciprocamente fecundadas; duplo dizer que, focalizando o ser e o sagrado, fala de uma unidade originária, apenas entrevista, mas permanentemente buscada, do Bem, Beleza e Verdade.

A abordagem histórico-crítica da filosofia moderna, empreendida no *Tendências...* visa à compreensão de uma profunda crise e também entrevê a possibilidade de renovação que a aliança entre a filosofia e a ciência poderia trazer para o homem do final do século XIX.

Antero, a nosso ver, antecipa e sintetiza, nos seus escritos, a grande problemática que encontrará em Husserl e Heidegger, no início do século XX, alguns de seus expoentes: a discussão da crise da razão, que só pode ser ultrapassada por uma meditação que examine, em profundidade, a finalidade da vida humana, sua eticidade e liberdade. Antecipa também a renovação da compreensão dos laços entre filosofia e ciência, representada pelas contribuições do neo-criticismo do início do século XX, e exposta nas investigações de Brunschvicg e Bachelard, dentre outros, os quais, como Husserl, embora sob outra luz, também buscaram estabelecer laços entre filosofia e ciência, ética e epistemologia.

---

40 *Ibidem*, p. 107.

41 *Ibidem*, p. 108. Grifo nosso.

42 HEIDEGGER, M. *Da experiência do pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969, p.49. Tradução de Maria do Carmo Tavares de Miranda.

## **Antero de Quental : ethics and epistemology**

**Abstract:** Antero de Quental presents in his last philosophical book an ethics view attached to epistemology. This view precedes, with important analogies, the philosophical contemporary revolution made by the neo-criticism and by the phenomenology. In the Antero's ethics the notions of liberty, perfectibility and rationality goes together.

**Keywords:** ethics; epistemology; Antero de Quental; liberty; rationality.

Data de registro: 14/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011